

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE JANEIRO DE 1912

N.º 312



ESTATUA DA RAINHA D. MARIA I

A famosa escultura de Machado de Castro, recentemente removida da Bibliotheca Nacional de Lisboa para a Academia de Bellas Artes

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de janeiro de 1912

Sousa Viterbo e Alfredo da Cunha — Uma alta consagração. O caso S. Vicente — Os seus varios aspectos. O que se não pôde dizer.

A consagração a Sousa Viterbo, no ultimo dia do anno que findou, é uma pagina de oiro na historia litteraria e critica do nosso tempo. O nome d'elle e o do seu panegyrista envolveu-os á mesma hora e na mesma sympathia a sociedade portugueza. Foram para ambos, para a gloriosa memoria de um e para o acto nobilitante do outro, as palmas e os applausos que reboaram pelas abobadas severas do Museu Archeologico do Carmo. E' que o poeta e o jornalista abrangêra em toda a sua vastidão a obra colossal com que se de-frontára, e os cultores das letras, das artes, da critica e das sciencias, convidados a ouvi-lo, tiveram a percepção justa do valor de ambos, atravez da obra compulsada e do trabalho reconstitutivo.

O investigador, o erudito, o poeta, o pensador, o articulista, o critico, o cidadão, o chefe de familia, o portuguez de lei, Sousa Viterbo, emfim, foi erguido ás suas justas e elevadas proporções pela palavra quente, des-artificiosa e colorida, de Alfredo da Cunha. Não foi bem um elogio academico, não foi ainda uma critica litteraria, não foi um panegyrico no antigo sentido da palavra, não foi verdadeiramente um elogio historico, porque a oração brilhante, que em recolhido silencio escutámos, foi um pouco de tudo isso, e tudo isso finamente burilado, profundamente sentido, altamente suggestivo.

O presidente da Republica des-cerrou o busto artistico do consagração, apertou commovidamente a mão de duas senhoras que agradeciam com lagrimas as homenagens prestadas ao seu querido morto, uma, a dedicada companheira da sua existencia, a mais nova, filha estremecida, a luz viva dos seus olhos apagados, a terna collaboradora da sua obra, e esta nota affectiva, dando singular relevo á consagração prestada, de tal fórma a destacou entre outras a que temos assistido, que nunca mais ella se apagará da memoria, pertencendo-lhe um alto lugar de honra entre as consagrações historicas, que ficam honrando ao mesmo tempo um homem e um paiz.

Não desejaríamos repisar o caso S. Vicente, mas elle por tal fórma encheu a ultima quinzena, por tantos aspectos surpre-hendeu o espirito publico, a tão descontraídos commentarios se prestou, tantas *étapes* percorreu do comico ao tragico, que, não tratando d'elle, o chronista commette uma falta. *Abrenuntio!* Que o Separado nos livre de commetter faltas neste campo de litteratura amena e modesta! Falar de S. Vicente, do Patriarcha de Lisboa, do governo, do dia de Anno Bom, das visitas ao Prelado e da grrrande manifestação politica, é um dever, ou antes, é uma camisa de onze varas. Em que nós nos viémos metter, Santo Separado!

Se vamos dizer que todos teem o direito de visitar todos os dias, sem exceptuar o dia de Anno Bom, as pessoas das suas relações, sómos tallassas!

Se aventarmos timidamente que a Constituição não prohibe a ninguem que seja catholico, somos reaccionarios!

Se evidenciarmos que é um erro considerar manifestação politica um acto que não comprehende nenhum dos elementos que caracterizam esse genero de manifestações, são capazes de nos fulminar por sermos nós que estamos em erro!

E se, por fazermos afirmações que o bom senso inspiraria, corriamos o risco de ir parar com os ossos ao Limoeiro ou ao Alto do Duque, que nos aconteceria então se mesmo ao de leve, muito ao de leve, beliscassemos nesse famoso inquerito official que manda apresentar como réos perante os chefes de gabinetes e os presidentes de tribunaes, generaes, magistrados, funcionarios civis, officiaes da armada, todos quantos praticaram o crime de ir a S. Vicente, no dia de Anno Bom, cumprimentar o Patriarcha de Lisboa!

A que torresmos seriam reduzidos os nossos pobres ossos, se enchessemos o proprio espanto de pontos de admiração ante a sabia ordem do major general da armada, que manda os officiaes in-criminados publicar na imprensa de Lisboa as declarações perante

elle feitas, isto é, os motivos porque foram ao Paço de S. Vicente, no primeiro dia do anno!

E então se trouxessemos para aqui essas declarações firmadas por alguns d'elles!

Se, p á pá Santa Justa, estampassemos nesta columna, por exemplo, as palavras do brioso official de marinha o sr. Lopo Vaz de Sampaio e Mello, o qual nobremente declara que não é conspirador, mas se quizesse sê-lo, despiria primeiro a sua farda, que nunca deshonraria com uma traição!

Se em tal monstruosidade attentassemos, que tormentos nos seriam inflingidos!

Por consequente, se liberdade é o que se está vendo, fraternidade o que se está sentindo, e, em resumo, se caridade bem entendida é a que começa por nós, o melhor melão é o calado, e, sendo a palavra de prata, o silencio é de oiro, se o seguro morreu de velho, quem me avisa meu amigo é, e quem vê as barbas do vizinho a arder tem de pôr as suas de mólho, cala-te bóca... deixa correr o marfim, e se queres ter juizo faze o contrario do que fazia o bom do Rosalino Candido, quando dizia como um alarve que era:

«O mundo não se endireita, mas eu não largarei o mundo.»

Larga-o tu, não te intromettas onde não és chamada, e se, ao contrario, queres gozar em paz e socego o resto da vida, chama força á covardia, diplomacia á asneira, revolta á dignidade, á ignorancia esperteza, homens de valor aos insignificantes, tolos aos intelligentes, velhacos aos honestos, sê Mr. Pangloss para o que te convier, faz armas da calumnia, porque d'ella sempre alguma coisa fica, como já dizia o bom do Yago, exalta os amigos, deprime os adversarios, e verás que por este caminho has-de encontrar a bemaventurança na Terra, visto a do Céu... estar prohibida.

JAYNE VICTOR.



O Senhor D. Antonio, Patriarcha de Lisboa

Uma vida humana

Segundo estatisticas baseadas em numerosas observações e calculos, um homem que viveu cincoenta annos n'uma vida mediana de trabalho e distracção, empregou do seguinte modo a totalidade de seus dias: 6:000 dias a dormir; 6:500 a trabalhar; 800 a passear; 4:000 a divertir-se; 1:500 a comer; 500 a estar doente. Este mesmo homem comeu: 8:509 kilos de pão; 8:000 kilos de carne; 2:300 de legumes, ovos e peixe; e entre agua, vinho, cerveja, chá e café, consumiu 28:000 litros de liquido.

O desterro do Senhor Patriarcha de Lisboa



O automovel no pateo do Paço de S. Vicente aguardando o prelado

Elogio historico de Sousa Viterbo

lido na Associação dos Archeologos Portuguezes em 31-12-1911

O POETA

Sob o triplice aspecto do poeta, do erudito e do filósofo, ou, por outras palavras, do artista, do investigador e do critico, deve apreciar-se a individualidade literária de Sousa Viterbo.

A' semelhança das funções que na decomposição do espectro solar exercem as facetas d'um prisma de cristal conjugadas na mesma acção analítica da luz, tambem em Viterbo se conjugavam e correlacionavam aquellas três faces distintas do seu valor. De modo tal que, ao analisarem-se-lhes as fulgurações multiformes, reconhece-se que o poeta nunca deixou de doirar, com os revérberos da sua fantasia, as investigações do erudito ou os raciocinios do filósofo, o artista sempre deu relevo e colorido ás evocações do historiador e aos juizos do critico, da mesma fórma que, paralelamente, o critico e o historiador valorisavam os reptos do artista e do poeta com a opulencia dos seus conceitos e a riqueza da sua illustração.

A proficua aliança das frivolidades da poesia com as graves cogitações da sciencia já a preconisara o Dr. Antonio Ferreira nos conhecidos versos que tantos outros doutores invocam para desculpa e remissão das suas

fragilidades liricas. Camões foi, no seu tempo, um espirito enciclopédico, o que não o impediu de ser simultaneamente o maximo poeta portuguez quer no idilio quer na epopeia, e não sei em que mais admire Garrett ou Herculano, se nas evocações históricas do Arco de Sant'Anna ou das Lendas e narrativas, se na Lyrica de João Minimo ou na Harpa do Crente.

Sousa Viterbo pertencia tambem a essa privilegiada classe de poetas eruditos e de artistas-filósofos em quem as musas, a sciencia e a razão serena coexistem e se harmonisam em perfeito equilibrio de influencia reciproca.

Por isso o idealista ingénuo e crente do *Anjo do Pudor* é tão admiravel como o paciente e sábio autor dos *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos seculos XVI e XVII*; o delicado lirico das *Rosas e Nuvens* é o digno émulo do biógrafo de Sá de Miranda ou de Fr. Bartolomeu Ferreira; e o cantor apaixonado das *Harmonias Phantasticas* hombraia com o propagandista das melhores doutrinas sociaes e com o meticuloso decifrador de tantos intrincados problemas de literatura e de arte.

Nem, sem esse invólucro policromo da poesia e da imaginação que dá aos quadros da historia ou da lenda frescura e brilho semelhantes aos que ainda hoje nos deslumbram nos vitraes, nas faianças e nos esmaltes dos seculos áureos, se traçavam paginas palpitantes de vida como as do *Bôbo* e do *Alfageme de Santarem*, ou, voltando áquelle de quem falo, como as do *Abadessado de Lorrão* e das *Judiciarias e Mourarias* de Lisboa.

Ora Sousa Viterbo foi, antes e acima de tudo, um poeta, ainda mais pelo intenso sentimento que impregna todas as suas obras do que propria e unicamente pelos livros que deixou rimados e metrificadas.

«Ficou sempre o poeta da mocidade, notou com perfeita exactidão o Dr. Teixeira de Queiroz. No muito que escreveu, ou melhor, ditou a sua estremecida filha (acrescenta o illustre romanista e academico) ha sempre um perfume de coração sensível aos sentimentos ternos e ás glorias da Patria» (1).

Vibrando com toda a escala de emoções em que pode inspirar-se uma privilegiada musa como era a sua, dotado de uma

sensibilidade delicadissima, conhecendo a fundo a técnica do ritmo e respeitando escrupulosamente as exigencias dos canonistas da versificação, Sousa Viterbo deixou três livros de poesias—o *Anjo do Pudor*, poema exuberante de sinceridade com que encetou a sua vida litteraria, as *Rosas e Nuvens*, colecção de liricas ainda tambem da sua adolescencia, e *Harmonias Phantasticas*, volume publicado na plena florescencia do seu talento.

No *Anjo do Pudor* elle define a propria lira:

A minha lyra é casta, ancia, esquivase
aos gosos sensuaes

E no *Epilogo*, com a consciéncia do seu próprio valor, imprecando Deus exclamava:

Na mente irrequieta
eu sinto a omnipotencia
a omnipotencia tua...
A chamma do infinito
referve, tumultua,
num sopro ardente me erguerá poeta!



O DESTERRO DO SENHOR PATRIARCHA DE LISBOA

Um catholico beijando-lhe a mão

(Phot. de J. Benoit)

(1) Boletim da 2.ª classe da Acad. das Sciencias de Lx.ª, jan. 1911, p. 244.

Poeta da alegria ou da tristeza? Da esperança ou do desalento? Da fé ou da duvida?

De todas essas modalidades do sentimento humano elle nos apresenta provas nos seus livros, dando-nos de si próprio a definição que, pelo que encerra de contraditório e antinómico, bem se amoldaria ao espirito cheio de contradições inexplicáveis da maioria dos poetas:

E é quando nasce a aurora que se anhela
o fenecer do occaso!
E é quando a estrada é certa e fixa a estrella
que buscamos o acaso!

Admirador fervoroso da mulher, cantou-a sob as várias formas porque o seu coração a amou; ou como objecto dos seus juvenis desejos — e nos dois primeiros livros encontra-se desse facto, como o proprio Viterbo escreveu de Julio Diniz, «o auto do corpo de delicto», pois n'elles «subscreveu as suas ephemerides amoro-

Eu vivo captivo,
Captivo d'amores,
Olhae, a cadeia
Que eu trago, é de flores...

Psicólogo, porém — ¡sabe Deus se á custa de alguma infeliz inclinação de infância! — escrevia, logo nesses seus primeiros versos, esta espécie de profunda sentença moral:

Mulher, és um enigma, a luz da criação
te fez prisma illusorio o prisma da razão!

Dos 20 aos 30 anos, entre a publicação dos livros *Anjo do Pudor e Rosas e Nuvens*, e o aparecimento das *Harmonias Phantasticas*, fortificara-se-lhe e ilustrara-se-lhe o espirito, amadurecera-lhe a razão e quer pela máscula vernaculidade da palavra, quer pela amplitude dos conhecimentos revelados, quer pela segurança da técnica e pela pujança e profundeza dos conceitos, aquelle último volume é digno de figurar entre os mais belos da literatura portuguesa contemporânea.

Se nos versos dos 20 anos o idílio e o madrigal rescendiam toda a perfumada sedução do mais ingénuo e delicado lirismo, nas *Harmonias Phantasticas* a influencia do poeta genial da *Lenda dos Seculos* revela-se até aos suggestivos titulos das várias partes da obra — *Lendas do coração, Lendas sociaes, Lendas dos reis e dos deuses*. Aqui o poeta ergue-se a concepções da mais alta filosofia e traça páginas verdadeiramente magistraes como as dos *Gritos*, da *Morte do escravo* e do *Perdão de Satalana*. Entremeiam-nas, d'onde a onde, poemas como *A noiva*, que a pena de Musset não engeitaria, ou sátiras pungentemente cáusticas, como as da *Filha do peccado*, e dêsse quadro sintilante de mordacidade que lembra algumas das mais felizes páginas da *Velhice do Padre Eterno* ou algumas das mais picarescas *charges* do pincel de Goya — *As senhoras fidalgas da confraria de S. Turtufo* — que Camillo merecidamente arquivou no seu *Cancioneiro Alegre*.

Reçuma por vezes dos versos das *Harmonias Phantasticas* uma intensa amargura. E' que Sousa Viterbo já então conhecera por experiencia e percorrera dolorosamente alguns dos circulos dantescos mais crueis do que, nos *Delirios*, chama

O soberano inferno da existencia.

Por isso elle solta nos *Gritos* esta apóstrofe de supremo desalento:

Vivêr! que é, pois, viver?! é roda cambiante
onde o raio da magoa apenas é constante.

Mas nas paginas das *Harmonias Phantasticas*, se ha trechos de fingida crueza inteiramente destoantes da bondade ingénita do auctor, outros ha que definem e retratam a sua fisionomia moral, apaixonada pela liberdade e pelo bem.

Sirva de exemplo dos primeiros esta verdadeira hipérbole andaluza, em cujo final apenas interveio o estro e não o coração do poeta:



O DESTERRO DO SENHOR PATRIARCHA DE LISBOA. — Na estação do Rocio
O Senhor D. Antonio e o sr. conde de Caria

(Phot. de J. Benoit)

sas» —; ou como irmã e companheira inocente e boa dos seus dias da infancia; ou como aquella a quem —; sobre todas! — devia, com a existencia, os carinhos do mais extremoso affecto. E foi á memoria de sua mãe que dedicou o livro *Rosas e Nuvens*:

Já que me deste a lyra este poema é teu...

Ora ardentemente romantico, ora discretamente realista, mas sempre parnasiano na forma, quando canta a mulher amada fere todas as cordas da lyra da paixão, da mais frivola á mais filosofica, da mais crente á mais sceptica.

Elle bem dizia:

Que cruces ha de valor
Capazes de afugentar
Este demonio do amor?
Quantas mais cruces se façam
Mais revive o tentador!

Assim rendido ás tentações desse adorável anjo mau, confessava:

Ergamos a bandeira do resgate
e cantemos os hymnos vencedores,
e bebamos nos craneos dos senhores
sangue azul de finissimo quilate!

Isto, como se vê, não podia em Sousa Viterbo ser mais do que uma simples liberdade poética, dada a evangélica doçura da sua alma.

Exemplificam os segundos o soneto á *Republica*, entusiástico e

vid Rosa, a firmar, de 1904 em diante, uma colecção de *Toadas populares* insertas no *Diario de Noticias* e ainda não recolhidas em livro.

São admiráveis essas composições pela frescura da inspiração, pela facilidade do estro, por essa especie de revivescencia de todas as qualidades que caracterisavam a musa da sua juventude e que resurgiam, cheias de louçania e viço, nesse homem de 60 annos a quem as torturas da invalidez fisica antecipavam a decrepitude.

Da Associação dos Archeologos Portuguezes

Homenagem a Sousa Viterbo



A sessão solenne — O sr. Presidente da Republica presidindo á sessão — A' esquerda vê-se o busto de Sousa Viterbo

(Phot. J. Benoitel)

vibrante como um hino de revolta, as estancias do *Carrasco* e os vigorosos alexandrinos dos *Gritos*, dedicados a Fernandes Costa, e nos quaes Sousa Viterbo lança o anátema contra

os que vendem, á noite, ás portas da cidade,
a santa mãe do povo, a santa liberdade,
os que bebem o vinho e zombam de Noé,
os que não sabem ter nem coração nem fé,
os que fazem do amor torpissima iguaria,
os que decretam morte, aos fumos duma orgia,
os que insultam a Christo e curvam-se a Caiphaz...

Um larguissimo periodo decorreu, depois da publicação das *Harmonias Phantasticas*, e em seguida á conclusão da sua formatura em medicina, durante a qual Sousa Viterbo, absorvido pelos trabalhos a que, por necessidade de angariar meios de subsistencia, teve de entregar-se, e pelas investigações e estudos de fadigosa minúcia a que se votou apaixonadamente, parece ter deixado ao abandono as musas. Esse periodo prolongou-se durante quasi trinta anos.

Foi até aludindo a tão demorado parentesis que Camillo Castello Branco attribuiu ao casamento de Sousa Viterbo a mudez poetica em que este se conservava. «Casou. E depois nunca mais cantou...» Desmentindo, porém, estas palavras do critico do *Cancioneiro Alegre*, Viterbo reaparece, *gentilissimo poeta* como fôra sempre e como Camillo o denominára, sob o pseudonymo *Da-*

Vejam-se estas quadras, tomadas ao acaso, como simples espécimen:

O pinheiro não dá rosas
nem a roseira dá pinhas,
Só tu prometendo amar-me
Dêste aquillo que não tinhas,

Fui á casa de penhores
Empenhar as tuas juras,
Mas ninguem quer dar dinheiro
Por cousas tão mal seguras.

Quem me ensinou a sommar
Não devia viver mais,
Pois sommo só dissabores
E a prova real são ais.

Tende cuidado na escolha
Da que fôr vossa mulher...
Em boa cama se deita
Quem boa cama fizer.

Mas entremeando com estas redondilhas leves e desartificiosas, impregnadas do mais genuino sabor popular, que se diriam compostas por um poeta de animo despreocupado e feliz, — e quem conhece a vida intima de Sousa Viterbo sabe que heroica epopeia

de tormentos sem allivio era então a existencia dele! — surgem, como gritos lancinantes de angustia entre descantes de alegria, essas seis composições de mão de mestre, em que a sua musa ascende, a meu vêr, ao acume da perfeição e da emotividade. Lem-

são pequenas obras primas em que a dôr cristalisou maravilhosamente na palavra escrita.

Tantas quantas vezes se leiam, os olhos arrasam-se de lágrimas e o coração aperta-se angustiosamente numa constricção su-



HOMENAGEM A SOUSA VITERBO — O secretario, sr. Gustavo de Mattos Sequeira, lendo a correspondencia

bram alguns sonetos de Anthero, na mais aguda fase da sua desalentada filosofia.

Felizes os que morrem, Velhice prematura, Lethargia, Descanço eterno. Na febre do desanimo e Apprehensão dum enfermo

focadora. Eu queria aqui repetir, para prova do que afirmo, senão todas, pelo menos algumas dessas poesias modelares. Mas nunca as li para mim mesmo sem essa profunda comoção que estrangula a palavra na garganta, e receio que, em público e neste lugar,



HOMENAGEM A SOUSA VITERBO — O sr. dr. Alfredo da Cunha, lendo o elogio de Sousa Viterbo

(Phot. de J. Benoitel)

mais difícil e opressora se me torne a realização desse empenho. Além de que, assim como para a reprodução de certos assuntos pela pintura é precisa a paleta de um Ribera ou de um Zurbaran com toda a gama trágica das suas cores de sombra e de livi-

en plus compliqué; les forces qui y circulent sont en nombre immense, celles que nous ignorons sont en nombre bien plus considérable que celles que nous connaissons.» Aujourd'hui l'opinion publique s'est emparée de ces assertions: les rayons X... les rayons N... la télégraphie sans fil, les faites d'hypnotisme et de télépathie, ont ruiné la conception mécanique du monde, ont mis fin à ce rigide univers meublé en style empire, où les lois siégeaient immuables, sourdes-muettes, froides comme des sphynx. Au jour d'hui la tendance n'est plus au mécanisme universel, mais, si l'on peut s'exprimer ainsi, au biologisme universel; or le domaine de la vie est le domaine de la spontanéité, de l'imprévu, de l'évolution progressive ou régressive.

No dia 1.º de janeiro

O Senhor Presidente da Republica cumprimenta o Congresso



O sr. dr. Manuel d'Arriaga sahindo do Congresso

dez, assim também, para dar interpretação adequada a certos trechos em que a dór culmina, se tornam necessários os cambiantes da mímica e da voz, todo o complexo jogo fisionómico dos grandes intérpretes da tragédia — de um Irving ou de um Mounet Sully — a fim de que cada palavra tenha, na dição e no gesto, a sua verdadeira tradução sentimental.

ALFREDO DA CUNHA.

O POVO FRANCEZ

pelo Dr. Cunha e Costa

(Continuação do n.º 311)

Demais, senhores: o homem é um animal religioso e deante das recentes revelações da telepathia e do occultismo não ha mais o direito de relegar a sobrevivencia do espirito á materia para o cesto das coisas inuteis. Falta-me o tempo para desenvolver esta interessante afirmação mas creio ter encontrado a sua synthese n'uma conferencia de Wilfred Monod, um dos mais illustres livre-pensadores, da França, que passo a lér no original, para lhe não tirar o sabor:

«Les phénomènes radioactifs ont fixé l'attention sur l'essence de la matière, et ce qui se chuchotait tout bas dans les laboratoires, se crie tout haut sur les places. En 1901, devant l'Institut Psychologique International, le directeur de l'Institut Pasteur disait: «Le monde dans lequel nous vivons nous apparait de plus

La science devient donc de moins en moins, matérialiste: la matière elle même se spritualise de plus en plus. Le fameux axiome: «Je crois ce que je vois» ne provoque plus qu'un haussement d'épaules.»

E quanto aos processos absolutamente contraproducentes de fazer politica anti-clerical temos a opinião bem insuspeita de Vandervelle, o eminente socialista belga e também livre pensador:

«On s'en va chercher, dans l'arsenal de la bourgeoisie voltairienne, des facéties pesantes, des plaisanteries qui sentent le mois, des pamphlets surannés... qui ne peuvent plus avoir d'autre effet aujourd'hui, que de nous rendre ridicules aux yeux des catholiques éclairés, ou de nous rendre odieux auprès des âmes simples.»

Tambem temos poder judiciario, é certo, servido por bachareis identicamente educados pelo modelo francez. Mas poder judiciario e espirito juridico são cousas bem diferentes, e creio não errar afirmando que o espirito juridico

do nosso poder judiciario caminha vertiginosamente para um eclipse total.

Para lhes dar uma noção do espirito juridico do mundo forense de França no primeiro quartel do seculo xx prefiro lér-lhes alguns



NO DIA 1.º DE JANEIRO — O SENHOR PRESIDENTE DA REPUBLICA CUMPRIMENTA O CONGRESSO — O ministerio e os senadores sahindo do Palacio de S. Bento.

(Phot. de J. Benoit)

periodos do monumental discurso de Maitre Labori, *batonnier* da Ordem dos advogados, ao abrir a chamada conferencia annual do estagio. Foi no dia 5 d'este mez. Está ainda fresca a tinta do exemplar do *Temps* que tenho presente:

«Source unique de tous les pouvoirs, le peuple est un maitre exigeant. Certains de ces interprètes le sont en son nom encore plus que lui, et quand la loi gêne leurs passions ou leurs fantaisies, ils cherchent fréquemment les moyens d'assouplir les textes législatifs à l'interprétation tendencieuse qu'ils prétendent en imposer. De là, du moins dans les affaires qui touchent à la politique et sans parler des abus en matières privés, inévitables plus ou moins sous tous les régimes, de trop fréquents efforts de la puissance gouvernementale pour exercer son action sur l'administration de la justice.

Pourtant, rien n'est plus nécessaire à toute société civilisée

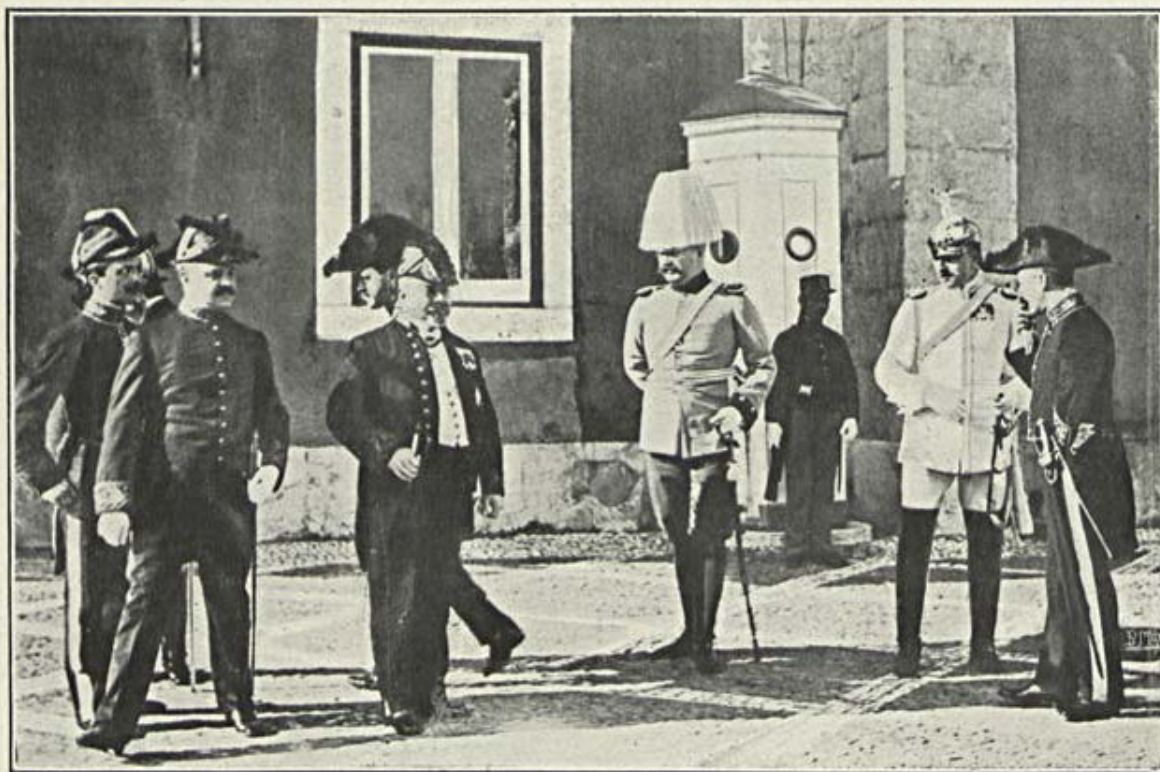
sives de l'inamovibilité, ni lois de déssaisement, ni lois à effet rétroactif. La monarchie absolue a su comprendre qu'elle devait accepter le contrôle d'un pouvoir judiciaire fortement constitué. Quand une fois les Parlements eurent été diminués, quand les rois on trop brutalement porté la main sur leur indépendance, les jours de la royauté étaient comptés!»

A coacção do poder judiciario e os julgamentos das Trinas

E lido isto, eu pergunto á consciencia do publico esclarecido que me escuta: Qual a independencia do nosso poder judiciario? Independencia formal, immensa; independencia de facto, nenhuma. E que é feito do escasso espirito juridico do nosso poder judiciario? Os seus restos, dilacerados, estão nas mãos da politica.

No palacio de Belem

A recepção do dia 1.º de janeiro



Membros do corpo diplomatico

(Phot. de J. Bonollet)

qu'une justice indépendante. Même en démocratie, une chose est plus haute que la volonté, et en tous cas que les caprices des majorités: c'est, pour ceux là mêmes qui reconnaissent le caractère éternel et absolu des principes, le droit fixé par la loi. Le jour ou l'interprétation de la loi serait livrée, par la faiblesse de celui qui l'applique, à l'arbitraire du pouvoir politique, il n'y aurait plus de justice, c'est-à-dire plus de garanties pour la personne humaine, plus de garanties non seulement pour la fortune, mais pour la liberté et parfois pour la vie des citoyens.

Il faut donc que la puissance politique souffre des limitations, qu'elle sache se les imposer à elle même: Il faut que la magistrature soit indépendante de son action. Bien mieux, il faut que ceux qui nous dirigent aient le courage d'accepter qu'elle le soit. Leur devoir est de fortifier le juge, en dépit du sentiment qui peut les pousser à augmenter sans cesse leur propre autorité, en dépit même d'une opinion trop facilement portée au changement irréfléchi. Pour que la justice soit juste, il ne faut ni lois suspen-

N'este ponto, senhores, serei um pouco mais incisivo porque o reputo a pedra de toque da perda ou da salvação do paiz.

Sejam quaes forem os dissabores que isso me custe, não direi todo o meu pensamento, mas direi o bastante para não ser accusado de cobardemente ter desertado do meu dever civico. Não é na fronteira, deante de uma aventura antecipadamente condemnada ao insuccesso, que a patria se está compromettendo e perdendo: é na coacção do poder judiciario pelo executivo e pela rua. Senhores! a primeira republica franceza morreu no Tribunal Revolucionario, ultraje ao genero humano, affronta á civilização, parodia atroz da justiça. E cem annos depois, quasi quotidianamente, nós affrontamos a consciencia juridica moderna com um espectáculo digno de cannibaes e do qual a Europa não poderá deixar de desviar os olhos com desgosto.

De afogadilho, ás pressas, como se perigo insuperavel nos ameaçasse, se votou uma lei de excepção, que deixa absolutamente sem garantias a defeza. Mas não insistamos n'este ponto, que não

é de conferencias, mas de debate parlamentar e forense. Fôsse como fôsse, uma cousa havia que a lei não podia deixar de ter previsto: as consequencias politicas e socias da mesma lei. Desde que, precipitando o direito na valla commum das cousas inuteis, se enveredara pela excepção, porque se não deixou ao juiz, ao jury, ou a ambos, a faculdade de proporcionar a pena á gravidade do delicto, tirando-lhe esse caracter fixo e hirto, que é o absurdo e a iniquidade raivosamente sublimados?

Para algumas creaturas, instrumentos cegos ou mal esclarecidos, o tormento da prisão já soffrida ou dois mezes de cadeia seriam mais que bastante correctivo, e a pena, até das mais graves, não devia ser incompativel com a misericordia e, sobretudo, meus senhores, com a reconciliação e a paz!

Assim — e o futuro me dará razão, porque sempre, desgraçadamente, m'a tem dado — ao quinquagesimo ou centesimo julgamento de pacientes condemnados á pena de homicidio voluntario premeditado, por delictos absolutamente inferiores á pena, será o povo que, horrorisado da propria obra que inspirou, abandonará o pretorio. Assim aconteceu em 1793; assim ocorrerá agora. A historia repete-se sempre.

Ainda se todos os accusados pertencessem á mesma cidade, á mesma villa, á mesma aldeia... Mas não: pertencem ao paiz inteiro, e quem poderá medir as perturbações que um dia causará ao paiz o referver d'esses odios locais represados, aboborados, lavrando surdamente debaixo das cinzas?! São as familias, são os visinhos, são os amigos, mas acima de tudo é a atrocissima violação do direito. E ninguem ainda, atravez da historia, violou o direito, que o não pagasse, desde os que crucificaram Jesus até aos que condemnaram Dreyfus.

Facil me seria ainda provar, senhores, que se temos exercito nos falta espirito militar; que se temos universidades, academias e escolas, nos falta espirito scientifico; que se temos commercio, nos falta o espirito de alta especulação e indagação mercantil, e que tudo isso tentado com os olhos postos na França, na Allemanha, na Suissa ou na Italia é apenas uma superfectação.

Mas a authentica realidade é que só podemos imitar. Falta-nos totalmente o dom da invenção e até a adaptação do inventado. Em oito seculos de existencia autonoma apenas inventamos o nonio, cuja paternidade nos é aliás impugnada pelo francez Vernier, e o balão espherico, que aliás os irmãos Montgolfier nos contestam. E' pouco. E porque não participamos da torturante genese dos inventos, olhamos com petulante desdem todas as superioridades e nos arrogamos, com impertinencia que faz sorrir toda a gente, um omnimodo e intangível saber.

Como devemos imitar a França

Imitemos, pois, já que outra cousa não podemos, nunca poderemos fazer, mas procurando, por uma cultura e por uma sociabilidade cada vez mais intensas, approximar-nos do espirito da obra imitada. Imitemos a França. E' um alto e nobre modelo. Entre a sua imitação e a da Inglaterra oscillam constantemente o meu espirito e a minha gratidão, visto que tambem nada inventei e tudo lhes devo. Mas para lealmente collaborarem n'esse mais que util proposito, tratem de fazer o que eu fiz: vencer-se a si proprios, entrar na noção de si proprios. Viagem, se podem; percorram essa França que tanto amam; releggem para o segundo plano os

aperitivos, um pouco fatigantes, que o espirito mercantil destinou para uso quasi exclusivo do estrangeiro. Entrem em contacto com a verdadeira França, a que prodigiosamente pensa, trabalha e produz. E só então comprehenderão o abysmo que nos separa do alto e nobre modelo que escolhemos. E só depois de convencidos de que não sabem nem valem nada, principiarião a saber e a valer alguma cousa.

Procurem então, em primeiro lugar, ser, pelo menos, bons na profissão que escolheram. Se medicos, advogados, artistas, commerciantes, industriaes ou funcionarios, procurem primeiro tudo ser bons medicos, bons advogados, bons artistas, bons commerciantes, bons industriaes, bons funcionarios. A politica tem sido, não raro, o refugio dos que em todas as profissões falharam: eis o seu mal e o seu perigo.

Depois, dediquem uma parte da sua actividade á causa publica. E' um direito e um dever. Mas entrem na politica sempre a frio, sem paixões. Não as podem ter as nações pequenas. Só uma paixão as nações pequenas podem ter: a da autonomia nacional.

Que a vossa politica seja sempre objectiva, com o facto sempre presente, bem á vista, pesando-o e medindo-o a cada instante, pois que a temperatura, a pressão, a densidade, o peso especifico da politica a cada momento variam.

Não se preocupem exaggeradamente nem com o applauso nem com a censura. Quanto á invectiva, logo que percebam que tendenciosamente os atacam não leiam mais a gazeta. O tempo que com isso perderiam poderão utilmente aproveitá-lo, pensando o estudando ou distrahindo-se.

Procurem a aprovação dos seus actos na qualidade, nunca na quantidade. Esta — dil-o a historia — acaba sempre por ser vencida e é preciso que o seja, a menos que, pela educação, se vá, pouco a pouco, integrando na qualidade.

Nunca tirem o logar a ninguem. Todos os que valem teem a sua hora; e a arte de saber esperar é em politica, aquillo que, em direito, chamamos uma questão prejudicial. Quando, ao vosso lado, uma notoria incapacidade pretender trepar, não a contrariem, ajudem-na. Serão quando muito conniventes n'um suicidio.

Se se sentem com capacidade e pulso para governar, não cuidem que só nos postos officiaes se governa. Governa-se, ás vezes, na sombra, sem alarde e sem ostentação. E o verdadeiro patriota, que á causa publica se julga util, não precisa nem de uma nem de outra.

Se porventura pretendem intervir, na hora presente, na politica nacional, dois devem ser os seus objectivos, pois que sem elles estamos irremediavelmente perdidos: pacificação e fomento, mas fomento pelo ouro estrangeiro. Paz e negocios: eis o lemma da futura politica. Se a palavra *negocios* vos assusta, tratae dos proprios o deixae a politica. Para dizer desacertos não sois precisos, abunda o *quorum*. Ainda ante hontem um magistrado declarou que a Republica deveria ter sido proclamada em 1640. E porque não em 1139 por D. Alfonso Henriques?

Respeite toda a organização social preexistente, modificando-a, mas respeite-a. Respeite o clero: é uma força nacional organizada, força de paz, de ordem, de conservação, alliada natural de todos os governos, que realmente querem governar; respeite e dignifique no exercito e na armada a defesa nacional, solidamente disciplinada. A obediencia, livremente consentida, é uma virtude excelsa. E, sobretudo, creae na independencia da magistratura um



A RECEPÇÃO DO DIA 1.º DE JANEIRO NO PALACIO DE BELEM
Os juizes sahindo do palacio

(Phot. de J. Bonotiel)

NOTAS ARTISTICAS



Retrato de madame Sagastune
(Quadro de José Malhoa)

No Porto vai abrir muito brevemente uma exposição de quadros dos principaes pintores da capital. Mais de sessenta quadros devem figurar n'essa magnifica exposição sendo dois d'elles os que apresentamos aos nossos leitores.

freio contra as vossas proprias paixões, a represão dos vossos proprios desmandos.

Quanto ao povo educae-o. Sem a sua educação tereis um arremedo de Republica até ao facto da perda da independencia. O povo, educado como está, trabalha inconscientemente para a propria ruina. E a culpa tem-na a errada e contraprodcente propaganda dos ultimos mezes da monarchia. Salvo um reduzido numero de oradores que viu o perigo, procurou conjural-o, mas não o conseguiu, mandou-se ensinar quem não sabia ler por quem ler não sabia. O resultado viu-se. Prometteu-se ao povo o que ao povo se não podia dar, e quando este veiu a reclamar a centesima parte do prometido, a imperiosa razão de Estado teve de dar-lhe chumbo em vez de pão.

Educado como está, o povo só conhece direitos, mas ignora deveres. E na sua justificada inconsciencia revolta-se contra o capital, a riqueza,

a belleza, o luxo, unicas forças cuja expansão, afinal, o podem salvar.

Como modificar este ambiente de terror, de suspeição, de incerteza, em que o capital emigra ou se retrah, o commercio definha, a lavoura receia a cada instante uma *Jacquerie*, a industria desvaira e todas as iniciativas se paralisam? Prendendo gente? Basta de prisões! Ameaçando e apavorando? Basta de terror! O remedio, ignoro-o; consiste talvez, em cada um de vós, dentro da sua esfera de actividade, fazer o que estou fazendo aqui.

Amo profundamente a minha terra, e tudo quanto, de quando em quando, digo ou escrevo, é para seu bem. Tive ambições politicas. Perdia-as. Duraram pouco e nem sequer me queixo de ter sido incomprehendido. O que succedeu tinha de succeder. As cousas são o-que são. E ainda que isto os faça sorrir, creio que á Providencia, destino ou como queiram chamar-lhe, sempre presente nas horas decisivas da minha existencia, devo a nova rota da minha vida. Por isso, sendo um pensador livre não sou um livre pensador; não podendo, por falta de tempo, praticar, volvo, ás vezes, com ternura, os olhos para tempos passados, da grande piedade e poesia, e se de alguma cousa tenho pena é de nem sempre conformar os meus actos com a moral dos Evangelhos. Mas n'este novo rumo para que as circunstancias me empurraram, a minha serenidade é perfeita e por isso vejo, ás vezes com grande clareza, a marcha dos negocios publicos. Essa visão radica cada vez mais, no meu espirito, a necessidade de uma politica grandemente pacificadora, e essa faço fóra dos partidos, sempre que as circunstancias o permitem, sem odios, sem invejas e com uma exclusiva pretensão: a de contribuir para uma grande patria honrada, livre e intelligente.

Tudo quanto acabo de dizer o deponho no espirito e no coração de um homem, que toda a gente n'esta linda terra encara enternecidamente com um grande respeito pelas suas virtudes privadas e publicas. Refiro-me ao illustre chefe do Estado, que sinto não estar presente e que estou certo ouviria com muita attenção os meus dizeres, até na parte em que porventura da sua orientação discordasse. Não havendo, pois, n'este mundo obra verdadeiramente inutil eu lh'a dedico, não apenas como representante da Republica, fórmula de governo, mas da Republica identificada com a Nação.

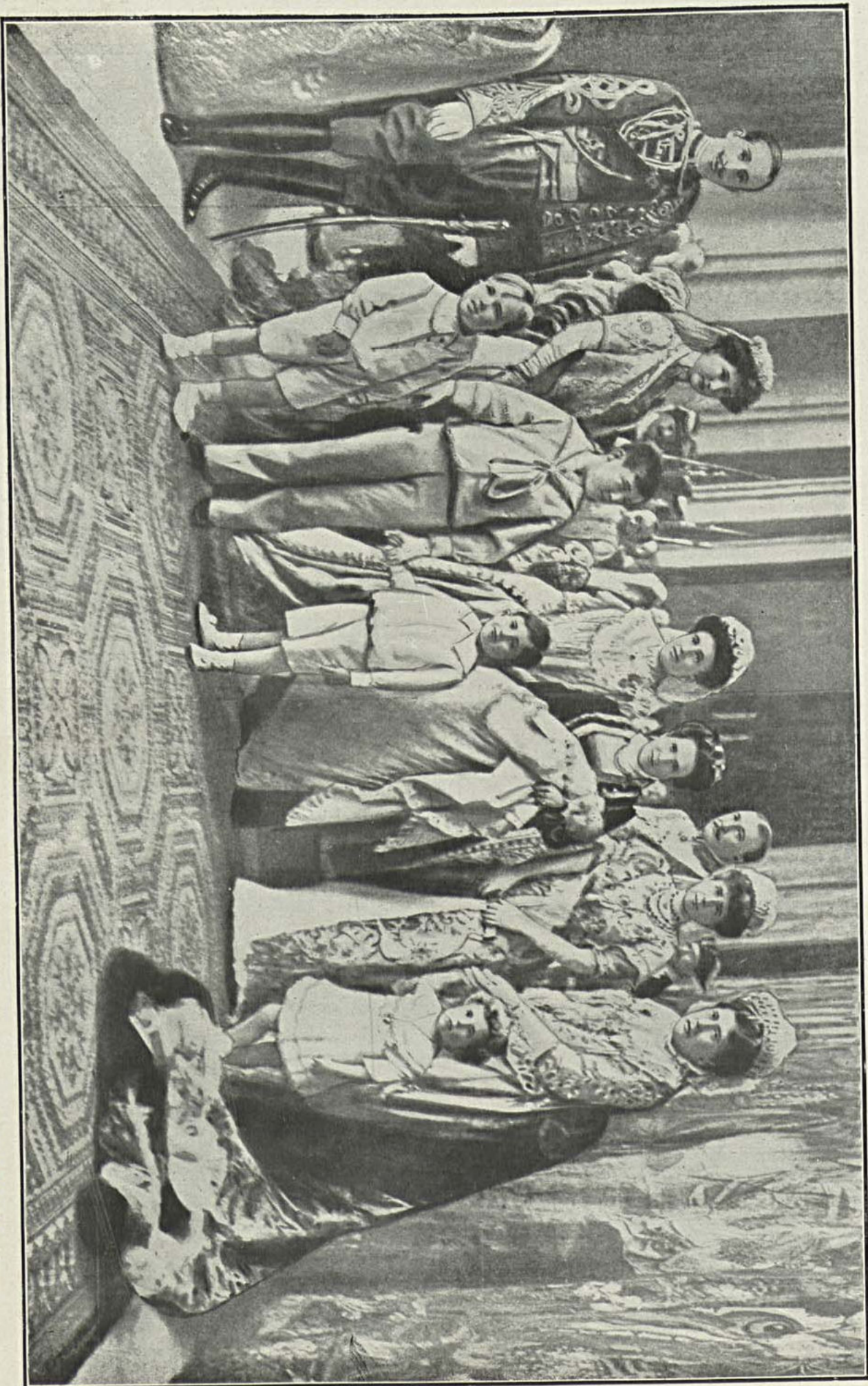
E' porque essa identificação ainda se não deu, que a Nação vive dividida em dois bandos inimigos, um que pretende o monopolio do poder politico, o outro, enorme maioria do povo portuguez, e no qual se encontram as verdadeiras forças vivas do paiz, suspetosamente afastado ou ostensivamente perseguido. Era n'esta grande maioria que se encontrava o commerciante que queria alargar a esfera dos seus negocios; o industrial que pretendia desenvolver e aperfeçoar a sua produção; o artista que esperava encontrar na redução do analfabetismo um publico successivamente mais numeroso e culto; o militar e o marinheiro que do aperfeçoamento das respectivas instituições fiavam a dignificação da



Notas artisticas — Um quadro de Alves Cardoso

(Phot. J. Benoitel)

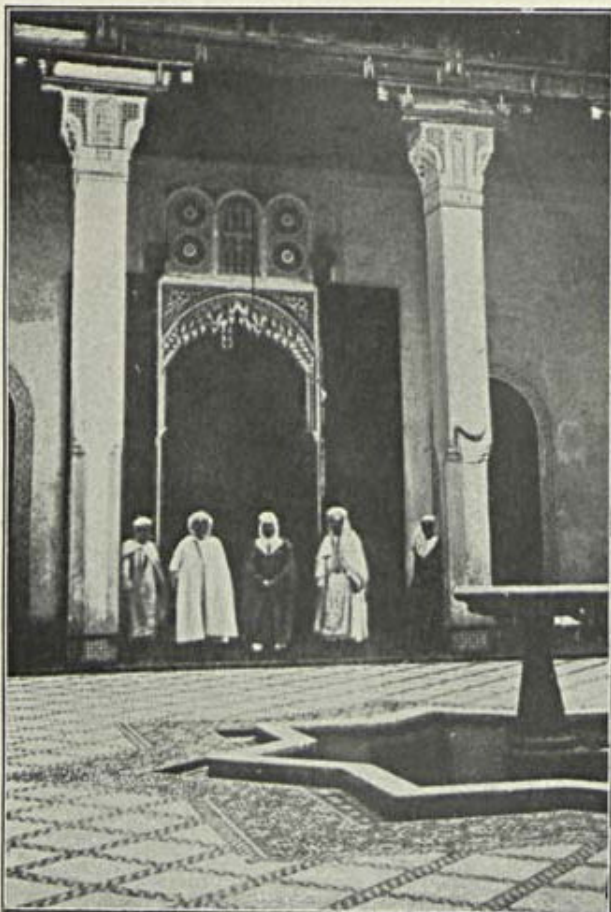
O baptisado da infanta Maria Christina, filha dos reis de Hespanha



D. Affonso XIII, a familia real e a princeza Beatriz de Battenberg no baptisado da infanta Maria Christina, cuja cerimonia se realizou no dia 23 de dezembro ultimo

Assumptos de Marrocos

CAMINHO FALSO



O palacio do grão-vizir de Marrocos, em Fez

defeza nacional; o advogado e o magistrado que ardentemente suspiravam pela independencia do poder judicial e a proscripção definitiva das abominaveis leis de excepção.

Era ainda n'essa grande maioria que se encontrava a maior parte dos funcionarios do extinto regimen, tão pobres quanto honrados, e que á excepção da Corôa, as syndicancias provaram ter roubado dezoito vintens e meio. Toda esta gente veio para a Republica, de braços abertos, no dia 5 de outubro. Foi recebida de lança em riste e com um epitheto que se tornou infamante como se fóra um crime adherir ao novo regimen!

Não se pode governar á moderna, dentro das normas d'uma bem pensada e organizada democracia — nem sem esta gente, nem contra esta gente — e quando a calma succeder ás perturbadoras paixões do momento, o primeiro acto d'um governo digno d'este nome será fazer o que ainda se não fez: chamar a Nação a colaborar com a Republica.

Contribuir para essa obra, eis a minha modesta funcção.

No dia em que me convencer de que este esforço é inutil, tornarei ainda mais perfeito o laborioso isolamento em que vivo, e a sós com os meus livros, que não mentem, direi, paraphraseando Galileu: *tudo quanto elles quizerem, mas a Democracia não é isto.*

Tenho dito.

Quando uma mulher vos fala, repara e não que dizem seus olhos.

II

MARCELLO fizera-se, em breve, um principe dos *boulevards*, prodigalizando oiro e saude em todos os delirios de Paris. Não havia mundana faminta, artista cahido ou incipiente, que não conhecesse as dimensões do seu bolso e o forro azul da sua carteira.

Nas *premières* e no *Bois*, na *Opera* e nas corridas, a sua cabeça arabe, de feições trigueiras e ardentes, era como um ponto atrahente que marcasse fulgor na massa confusa das multidões.

Clotilde lembrava-lhe sempre que nas ruas altas uma lufada de ar mais puro varria o trem...

E quando a saudade da paz lhe feria o corpo amortecido do vicio, mandava bater velozmente para o campo, onde passava o dia, sentado á sombra de um sabugueiro, respirando entre aromas de cravos, ou absorto a ouvir, no silencio, a toada de um repuxo cahindo, em fios brandos de crystal, sobre um tanque de agua sonora, a ondular.

A pureza do ar e da vegetação, os aromas dos sabugueiros e dos cravos, e até a monotonia do repuxo, n'um isolamento purificado de silencio, davam-lhe a illusão espiritual e restauradora de umas horas vividas na quinta dos Prados...

E para affastar o cheiro distante da lavra parisiense, surprehendia-se a trautear baixinho alguma canção de Portugal...

Se um bater de azas roçava então perto, abrindo a folhagem, estremecia-lhe o coração, julgando que Clotilde ia ali apparecer.

De volta a Paris, quando os companheiros do prazer, á mesa do restaurante, lhe estranhavam o aspecto acabrunhado e lhe pediam contas da ausencia, elle declarava, entre ironico e triste:

— Então... velhos fanatismos da minha terra... Venho de resar ..

Mas o champagne estalava entre gargalhadas, e a orgia recommençava, cada noite mais violenta e extenuante.

Uma tarde em que se preparava para ir á *Opera*, recebeu um telegramma de Clotilde, a perguntar-lhe se estava em Paris.

Censurou-se, então, de ha muito não ter lido a correspondencia accumulada n'uma salva de prata, onde encontrou, por abrir, umas cartas da esposa.

— Pobre Clotilde! Ella tem razão, coitada!...

E ter-lhe-hia escripto uma longa carta, se Graciette, a linda favorita de cabellos ruivos, não entrasse no quarto, a dependurar-se-lhe dos hombros.

A' volta da *Opera* sentia-se fatigado, e, como no dia seguinte o thermometro indicava umas decimas de febre, occorreu-lhe substituir a carta por uma prenda.



ASSUMPTOS DE MARROCOS — Altos personagens marroquinos e entre elles, indicado pelo signal X, El-Bachir, representante do sultão em varias negociações

Escolheu musica, porque os dedos de Clotilde traduziriam nas teclas o que a penna lhe não podia transmittir em cartas.

E mandou-lhe, pelo correio, um trecho de Schumann, em que havia aneio suavissimo e amargura resignada...



D. Judith Bramão

(Typo de belleza do norte do paiç)

D'ahi em diante, os trechos musicaes que mais o impressionavam, nos cafés e na Opera, numa festa de campo ou num salão elegante, mandava-os a Clotilde, sempre fiel e sempre louca, a exorar-lhe, apaixonadamente, que voltasse.

Um dia que Marcello ficara de cama, recebeu uma carta da Viscondessa, a annunciar-lhe o parto proximo de Clotilde. Segundo os medicos, devia ser difficuloso e gravissimo. A carta era rigida e secca como uma reprehensão.

Graciette chorava-lhe no quarto, enquanto o medico e os amigos o cercavam, aconselhando repouso.

Partir assim, apesar da pouca febre, era uma temeridade que não aproveitaria á esposa, a quem a emoção da visita podia até abalar. Se quizesse mandava-se, de Paris, um especialista, mas Marcello é que não devia sahir. E Marcello ficou.

Quinze dias depois, recebia, pelo correio, este bilhete da viscondessa:

Clotilde e a filhinha estão salvas; mas se o senhor tentasse voltar a minha casa, seria recebido pelos meus creados como um bandido que, uma vez, saqueou o meu thesouro.

VISCONDESSA.

Em vinte annos Clotilde envelhecera no amor da filha, consumira-se e embranquecera na saudade do esposo que não voltava.

Virginia era o seu retrato impecavel: parecia que Clotilde lhe ia passando, dia a dia, todos os traços de belleza, á medida que ia envelhecendo.

Quando Virginia, aos dezenove annos, concluia a sua educação n'um collegio de Lisboa, a Viscondessa morria, legando-lhe a fortuna por testamento, cuja validade seus parentes logo impugnaram, allegando insufficiencia mental.

Clotilde e Virginia encontravam-se sós, attribuladas de incertezas, enquanto Marcello, que dissipara toda a fortuna, arrastava em Paris um pobre corpo, descarnado e velho.

Para aggravar a situação, Clotilde cahiu doente, diagnosticando o medico uma appendicite que reclamava uma operação urgente, em Lisboa.

Mas onde encontrar dinheiro para as despesas?

Da casa da viscondessa não podia retirar um ceutil, e os unicos quinhentos mil réis de economias que possuia eram precisos, a Virginia, para a garantir contra a fome durante os primeiros tempos, após a sua morte provavel.

Clotilde ainda perguntou ao medico:

— Mas, doutor, seja-me franco: se eu fôr a Lisboa tem a cer-

teza de que me salvo? Por mim, nada me importa morrer... Mas a minha filha... a minha querida Virginia...

Enevoaram-se-lhe de lagrimas os olhos febris e doloridos.

— ... Diga, doutor, seja-me franco... preciso de toda a verdade...

O medico teve uma hesitação.

— Realmente, a doença é grave e vae adeantada, não lh'o escondo, mas a cirurgia está fazendo maravilhas...

Depois de sahir o medico, Virginia foi encontra-la a soluçar, abafando os labios na roupa para suffocar os gemidos.

Correu, solicita, a beijar-lhe as faces em brasa.

— Está peor, mamã? Mas que tem? O doutor disse-me que a achou melhor, e que havia de curar-se...

— Pois sim, Virginia, eu hei-de curar-me...

Apagou as lagrimas, violentando-se para sorrir tranquillamente.

— Senta-te, minha filha, senta-te aqui... perto de mim... á minha cabeceira... Sinto-me tão bem assim!...

Passava-lhe os dedos febris nos cabellos frescos e negros, como tanta vez lhe fizera Marcello, quando eram noivos...

— Se o papá voltasse breve... — murmurou no tom ancioso de quem espera um remedio,

Clotilde estremeceu como se um aguilhão a ferisse profundamente.

— Mas porque não virá o papá? — continuou Virginia affectuosamente.

Nos olhos de Clotilde passou, em uma lagrima, um fulgor de consolação infinita.

— Olha, minha filha, o papá é um desgraçado... Pobre martyr! Anda por lá, ha tantos annos, por nossa causa, para nos ganhar riqueza, e tem sido tão infeliz! Has-de ama-lo muito, sim? Se tu visses como elle te queria, quando eras pequenina... Já te não lembras... Era sempre no braço esquerdo que te trazia, para melhor te aconchegar ao coração... Era tão bom!... tão bom!...

Deteve-se para levar o lenço á bocca, a reprimir um soluço.

— Mas a madrinha viscondessa queria-lhe mal, não queria?

— E' que... Mas, é verdade, parece que nunca te contei...

Teu pae era fidalgo e casou comigo sendo eu uma pobresinha...



D. Maria da Agonia Fortes

Uma gentil menina do Norte trajando á moda do Minho

E a viscondessa — que ella me perdõe — nunca lhe levou a bem este casamento... Depois, houve umas coisas...

Interrompeu-se de novo, suffocada de commoção.

— Mas agora que a madrinha morreu...

— Pois agora volta, minha filha. Em sabendo que a madrinha morreu, volta para nós. Has-de vér... Em poucos dias temo-lo em casa...

Virginia ergueu-se, agitada por uma grande ventura.

— Quem me dera já cá esse dia! Verá como a mamã logo melhora e se levanta. Mas que tem?! que lhe doe?!...

Clotilde apertava, nas mãos convulsas, o lenço contra os labios e tinha os olhos afogados de lagrimas.

— Sinto fadiga, minha filha... fadiga e sede... Dá-me agua, sim?

Bebeu, cansada e offegante.

— ... E tenho aqui, na cabeça, umas tonturas... Se me deixasses só, talvez dormisse!...

Mal Virginia sahio do quarto, Clotilde sentou-se, com difficul-

Em séguida entregou-lhe a carta para Paris:

— Toma cautela, Isabel... Que a menina nunca venha a saber...

Passados trez dias, á hora do enterro, chegava, de França, este despacho telegraphico:

Parlo brevemente. Beijo vos enternecidamente.

MARCELLO.

Virginia teve apenas tempo de envolver o telegramma nas flores do caixão...

THEATROS

THEATRO DA REPUBLICA — «As nossas amantes»



3.º acto

(Phot. de J. Benoliel)

dade, na cama, a escrever, sobre um papel de receita, o unico que tinha á mão:

MARCELLO:

Já te não peço por mim, meu amor, mas pela nossa filha, que vae ficar á fome se tu não voltas. Prepara-se uma grande desgraça, e eu não quero morrer com o remorso de te não haver prevenido.

Sempre tua

CLOTILDE.

Quando a creada Isabel, ao entardecer, lhe entrou no quarto, em bicos de pés, para a não acordar, Clotilde chamou-a baixinho, e fez-lhe queimar todos os retratos tirados durante a separação, para que as suas feições, alteradas e roidas por tanta angustia, não erguessem, um dia, na consciencia de Marcello, qualquer movimento de remorso.

Ao descer da carruagem para a gare apinhada de gente, ninguem conhecera, no bigode branco e no rosto secco, vincado de sulcos, o Marcello que ha vinte annos partira levando, na face morena, o vigor claro de um raio de sol, a latejar mocidade.

Entregou apressadamente o bilhete e as malas e seguiu a pé para a quinta dos Prados, calcando com a mão o coração doente, que se maguava a palpitar, violentamente, no peito descarnado e fraco.

O sol ia já baixo quando Marcello chegou, cansado, em frente do enorme portão de ferro.

Conteve, por momentos, a respiração ruidosa, a escutar, na ancia de ouvir a voz de Clotilde falando no jardim ou no palacete. Mas, na habitação e na quinta o silencio era absoluto, inalteravel.

Impelliu depois o portão, sentindo nas mãos os varões altos de

ferro, a arder... Atravessou o jardim e subiu, alvoroçadamente, a escadaria larga de escalões graníticos.

«A'quella hora, costumava Clotilde estar na sala de costura...»

Dirigiu-se para lá, em passos abafados, descobrindo logo, por uma fresta da porta mal cerrada, um vulto feminino vestido de preto.

Comprimiu mais o coração doente que ameaçava estalar.

«Devia ser Clotilde, vestida de luto pela morte da viscondessa...»

Abriu cambaleante, com vertigem.

Na sua frente estava a Clotilde ha vinte annos!

Approximou-se-lhe de joelhos, quasi de rastos, a beijar-lhe as mãos:

— Clotilde!... minha santa!... minha pobre martyr!...

THEATROS

S. Carlos — Republica — *As nossas amantes*, peça em 3 actos, original de Augusto de Castro. — **Trindade** — **Apollo** — **Gymnasio** — **Moderno** — **Variedades** — **Colyseu**.

Depois da *Aida* pela sr.^a Crestani, que obteve nessa opera um verdadeiro successo e que nos deixou na deliciosa expectativa de ouvi-la noutra opera, tivémos a *Bohème*, a *Manon*, de Massenet, e a *Butterfly*, pela sr.^a Matini, que em todas estas operas marcou a sua alta cotação artistica. Como cantora e como actriz consummada a gentil prima-donna maravilhou-nos com a sua arte, com a sua bella voz e a sua correcta escola de canto.

THEATRO DAS VARIEDADES — «Pae Paulino»



Uma scena do 1.º acto

(Phot. de A. C. Lima)

Escondeu, com vergonha e remorso, a cabeça no regaço, que os enlaçava, meio desfallecido, a soluçar.

Seguiu-se um doloroso intervallo, em que os soluços se confundiram e as gargantas paralisaram, incapazes de um som ou de um grito.

— Mas tu não me olhas?! não me dizes nada, Clotilde?!

Levou-lhe as mãos ao rosto, num gesto supplicante, a desviar-lhe da bocca o lenço molhado do choro.

E os labios da filha baixaram, tremulos de angustia, sobre os seus cabellos brancos;

— Eu... sou... a Virginia... A mamã... morreu!...

Marcello tombou sobre o tapete, como se um raio o tivesse abrangido.

Conduziram-no ao leito, alvido e frio, com um fio frouxo de sangue a bater-lhe no pulso em palpitações irregulares de agonizante.

— Como elle a adorava!... — gemeu Virginia.

(Continúa.)

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.

Foi perfeita. Dos artistas que a acompanharam n'estas operas, destacou-se, na *Manon*, o tenor Del Ry, que nos deu um excelente *Des Grieux*.

Cantou-se depois o *Mephistopheles*, e novamente tivémos occasião de constatar o merito da sr.^a Crestani, a quem couberam as honras da noite. Foi uma «Helena» deliciosa, cantando toda a sua parte e especialmente a *Nenia*, com uma voz de facil emissão nos agudos, de timbre agradabilissimo e modulações de som tão naturaes, tão simples, que nos pareceu todo aquelle conjuncto de bellezas artisticas a cousa mais facil de fazer n'este mundo! Foi sempre assim. As coisas mais bellas, perfectas, são as que nos parecem simples.

Del Ry tambem se fez applaudir com justiça, e merece tambem uma referencia especial a sr.^a Pangrazzi na sua dupla parte de «Martha» e «Pantalis».

E é melhor não falar no baixo sr. Rossato, que com a sua voz pesada e dura ia desmanchando o conjuncto harmonico da linda partitura de Boito.

Os côros incertos e desafinados por vezes.

A *mise-en-scène* excellente.

A seguir, a empresa Boceta & Callejas, que se esforça por satisfazer o publico apresentando-lhe um excellente grupo de artistas e variando quanto possivel os espectaculos, deu-nos ha poucas noites a *Carmen*, com dois artistas de nome.

A sr.^a Thevenet, da Opera-Comica, é uma artista de valor e soube dar ao inconstante e supersticioso typo da cigarreira toda a graça e desenvoltura proprias. Foi amorosa, apaixonada, voluvel. Como cantora, a sua bonita voz de meio soprano, não attinge os agudos que a parte requer e d'ahi o ser prejudicado o seu trabalho que, a nosso vêr, teve apenas esse senão. Os receios da estreia, a timidez que se apossa dos artistas quando são friamente recebidos pelo publico, explicam a pouca firmêza de algumas scenas. O tenor Famadas não correspondeu em absoluto ao que se esperava do réclame feito, mas é tambem um artista distincto, de voz um pouco abarytonada, mas bem conduzida e de facil emissão.

Ambos ouviram applausos no final do 3.^o acto.

Os outros artistas contribuíram na medida das suas forças para o agrado que a opera teve

E para breve teremos um Serão Vicentino, em que toma parte a actriz *Virginia da Silva*, que dirá a *Terceira carta de Soror Marianna*.

— Na **Trindade**, a *Prinçesa dos Dollars* continúa em pleno successo, esperando-se para breve duas operettas allemãs que lá fóra têm alcançado grande successo.

— O *Chico dos Pégas* vae ter a sua 100.^a representação no **Apollo** e provavelmente seguirá na sua gloriosa carreira, tendo, porém, Schwalbach já quatro peças ensaiadas: — *A Diplomata* e *Pobre Valbuena*, traducções de Accacio de Paiva e *Os Pimentas* e *Feira do Diabo*, originaes de Eduardo Schwalbach.

— O **Gymnasio** continúa passando o seu repertorio e em breve lá teremos uma peça nova, em 3 actos, de que nos dizem maravilhas.

— No **Moderno** causaram successo os arranjos de Esculapio — *Capital de Portugal* e *20 Milhafres*, — ambos com immenso espirito e que têm levado ao elegante theatro enchentes successivas.

— Para reforço do exito obtido pela revista *Pae Paulino*, no **Variedades**, adaptaram-lhe os auctores um novo quadro intitulado *Nas Horas*, que é um dos trabalhos de revista mais bem feitos que conhecemos. Nada lhe falta: graça, boa musica, excellentemente posto e bem representado. Resumo: grande manifestação aos auctores por parte do publico.

E' peça que não sae tão depressa do cartaz.



THEATRO DAS VARIEDADES — «Pae Paulino»
Scena final do 2.^o acto

(Phot. de A. C. Lima)

E' de justiça citar a sr.^a Crehnet que na parte de *Michaela* agradou tanto que teve de bisar a sua aria.

Os côros, nem sempre, afinados, e a orchestra, d'esta vez, muito bem.

GILLIATT.

Um novo original portuguez, da penna do sr. Augusto de Castro, foi ultimamente representado no **Republica**, em recita da actriz Adelina Abranches. Se bem que não seja uma obra prima, é justo dizer-se que possui scenas habilmente tratadas e os typos são excellentemente caricaturados, com uma fina observação digna de registo e pouco vulgar entre nós, sendo de lamentar que a urdidura seja má e o assumpto de molde a não conquistar as sympathias do publico. Pretende o sr. Augusto de Castro demonstrar na sua peça as vantagens das uniões illegaes sobre o casamento; parece-nos arrojada a tentativa, e não para ser tratada por fórma, digamos, burlesca, mas antes por uma boa e convincente argumentação, que conseguisse prender e arrastar o publico. Os que assistiram á representação das *Nossas Amantes* em nada se preocuparam com a pretendida these que o auctor quiz desenvolver e d'aquelle desenrolar de fita de animatographo ficou-lhes a boa impressão do estylo elegante que o auctor espalha em todas as suas obras e o desempenho optimo por parte de todos os artistas que tomaram parte na peça, havendo, comtudo, a especialisar, Ferreira da Silva, Brazão, Chaby Pinheiro, Henrique Alves e Adelina, que foi muito festejada.

— **Colyseu dos Beceios** — N'esta casa de espectaculos subiu ultimamente á scena pela companhia de operetta italiana uma nova peça em 3 actos intitulada *D'Artagan* ou *Os Trez Mosqueteiros*, extrahida por Varney, do romance do mesmo titulo, de Alexandre Dumas. Cheia de movimento, com musica excellente, agradou muitissimo e deve conservar-se em scena por largo tempo. Para breve annuncia-se a operetta *Patifa da Primavera* e outras.

Ruy.

Animatographos

No **Chiado Terrasse** exhibe-se com successo a fita *Perdida na Selva*, com 400 metros; no **Central** têm agradado as fitas *O Perdão* e *Combate entre o javali e o leopardo*. O **Olympia** annuncia para breve a fita de **1:500** metros, intitulada *Mãe*, de um entretcho dramatico superiormente architectado e commovente. — No **Salão da Trindade** todas as semanas novas estreias; no **Fox**. **Etoile** e **Rocio Palace** os successos animatographicos e de variedades continuam chamando a attenção do publico, que todas as noites afflue em grande numero.

Carlos era tão avarento, que até no leito da morte se recusava a dar o ultimo suspiro!